

# A BATALHA

DIARIO DA MANHA

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



1. VUCA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.697

Sábado, 7 de Junho de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia  
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL  
TELEFONE—5339-C  
Oficinas de impressão—rua da Alvalade, 111 e 113

Inaugura-se amanhã em Tomar o IV congresso da Construção Civil

## UMA RAÇA DE BANDOLEIROS

Cantar as virtudes da Raça, é aplaudir as especulações da Finança, elogiar os assaltos da Moagem, exaltar os roubos do Larazeto, abraçar o Lúcio de Azevedo, da Casa da Moeda, erguer hinos às expoliações do Comércio!

A Raça é um povo tiranizado que arrasta na miséria e uma élite de tarados que chafurda na lama das piores ambições!

Não há pão decente, nem escolas, nem protecção à mulher e à infância, nem indústria, nem agricultura, nem higiene, nem casas para morar nem hospitais. Há prisões, muita polícia, muita guarda republicana, muito pulha e muito ladrão

Neste período aureo de testas da Raça, neste momento em que pregadores oradores exaltam em frases do almanaque, acompanhadas de gestos copiados do didático *Manual do bom orador*, as virtudes admiráveis da Raça, na ocasião em que poetas liríscos cantam «os botos grandes que tiveram», os portugueses dos outros tempos, as élites dirigentes da nação, o núcleo intelectual que preside aos destinos do país, oferecem aos olhos da grande massa popular, do povo trabalhador que seriamente espera a sua hora, o mais degradante, o mais nojento, o mais picareco dos espectáculos.

As pujantes virtudes da Raça! Como elas enchem a boca com estás liríscos!

O que é a Raça? Para elas, para esses mentores desmiolados, para esses governantes que já não nos indignam, porque demasiado ridiculos, nos provocam risos nervosos de revolta, para esses pobres de espírito inchados de vaidade, a Raça—só elas.

Eles, os dos grandes negócios imorais, são a Raça! Eles, os que governam de acordo com os mesquinhos exploradores da Raça, são a Raça! Eles que negoceiam na Bolsa os destinos da Raça, são a Raça! Eles, os que envenenam o pão que deparam a Raça, são a Raça.

Então o que é a Raça? É um nome pomposo que serve para designar um bando de lacrões e um grupo de tarados.

\*\*\*

A Raça está caido de pobre. O ouro das conquistas cerrou-a, o caldo dos conventos aviltou-a. As riquezas do Brasil que as caravelas abravam desceram no Tejo, trouxeram os grandes hábitos de ociosidade, que os levaram à epilepsia, por excesso de be-

bedeiras e ao manicomio, arrastados pela sifilis que os endoideceu. Mas desses doidos, desses doentes, desses tarados ficou um resto que para si dá espectáculo, arvorando-se em dirigente da sociedade, esbanjando, espalhando o bom-senso, fomentando o mal-estar.

Por outro lado o predominio jesuítico abastardou de tal maneira uma parte do povo, que produziu uma excrecência de cobardes, que agravava a estrada da liberdade por onde os mais puros, os mais fortes e os mais revoltados, numa ansia de liberdade, pretendem passar.

A nobre raça portuguesa! Cantem-lhe hinos—feitos por estrangeiros, porque a raça já não têm sentimento que vibre, nem inteligência capaz de compor uma canção de grito.

\*\*\*

A Raça está dando boas provas das suas virtudes. A Raça é o sr. Sá Cardoso que se acobarda, ante as fúrias do sr. comissário da polícia—outra degenerescência da Raça, cujos feitos heróicos (o massacre, segundo ele conta envidado, de negros indefesos, mulheres e crianças) a História há de registar a letras de sangue.

A Raça, é um ministro da guerra, brioso militar aparentado com a fábrica Vulcano, que mobiliza três mil homens para correr duas dezenas.

O espírito alevantado da Raça, rovela-se através dos «feitos grandes» do ministro do comércio, bemquisto em companhias industriais e bem cotado entre as empresas alemãs, que estão comprando a sucata os navios dos T. M. E. que a Raça não soube pôr a navegar com devoção!

«Cesse tudo quanto a musa antiga canta», porque o

maior acto de bravura da Raça, praticado nos últimos tempos, avulta e pede hinos, e reclama alexandrinos de poeta genial: *O Feito dos Olivais*.

O Feito dos Olivais, que os poderes públicos elogiaram, solidarizando-se com ele, que a grande imprensa exaltou, que os virtuosos aplaudiram, define bem o estado de desmoralização a que chegou a Raça que se deliu num mar de... lama.

\*\*\*

Portugal é uma casa onde os moradores não se entendem. As ambições de uns e a tacanha intelectual de outros, produziram uma desordem indescritível. Começaram a predominar os Afonsos, com os seus *superavit*, e os Nunos Simões com os seus negócios, e o povo não poude, dessa data em diante, dormir tranquilo.

O pão, base de alimento, está sendo mercadejado por um potentado, que até já conseguiu que cada quilo passasse a ter apenas 960 gramas.

A escola, que serviu de tema primacial aos oradores da «propaganda», cai aos pedaços por essa província fóra.

A educação da mulher está mais atrasada do que na Hotentócia.

A protecção à mulher e à infância passa por fantasia curiosa de escritores estrangeiros, e olhada com o interesse que merecem as novelas de Júlio Verne.

O fomento agrícola, com as já célebres irragições do Alentejo, cifra-se na desumana exploração exercida sobre o camponês, que arrasta, pelo país, uma miséria tocente.

O fomento industrial, constitui ária estalada por ministros para quem essa obra assume apenas um aspecto

interessante: protecção alfandegária às indústrias reles de que fazem parte ou que lhes pagam luvas para defendê-los negociais no parlamento.

E de positivo o que há em Portugal? Banqueiros que jogam na Bólsa a nossa pele; indústrias, como a Moagem, que vivem e enriquecem à sombra do Estado e à custa do povo, e uma população trabalhadora que leva uma vida de cão, crivada de dívidas no padeiro e no merceiro, cheio o dorso de espadeiradas quando protesta, habitando as prisões ignóbeis, vergonhosas, sob a ameaça de ir parar à Costa de África, a fim de lá expiar os crimes tremidos dos representantes máximos da Raça.

\*\*\*

Cantar as virtudes da Raça, neste momento em que a situação asfixiante e irrespirável da nação, já não encontra foro senão no recurso extremo da revolta, é uma ironia mordaz.

Se a podridão, a lama infecta merecem hinos, então, está certo — cante-se a Raça. Porque cantar a Raça, é exaltar as pulhices do Alferido da Silva, é elogiar os escândalos das 400.000 libras, é aprovar a negociação da Marinha Grande, é solidarizar-se com o roubo do Lázaro, é colaborar na venda dos barcos portugueses, as companhias alemãs, é dar alegremente o braço ao Lúcio de Azevedo da Casa da Moeda, é aplaudir a Moagem e o suposto empréstimo dos 50 milhões de dollars, é abraçar o Soto Maior, é condecorar os assassinos dos Olivais!

Raça imunda, Raça de bandoleiros, Raça de traficantes, estas tam degenerada que só poderá redimir pela sangue purificadora duma Grande Revolução!

UMA LUTA QUE TERMINA

## OPERARIOS CORTICEIROS

Resolveram aceitar a oferta de 20 000 e retomar o trabalho imediatamente

A luta mantida pelos operários corticeiros de todo o país para a conquista de melhoria de salário, é bem um movimento que deve ficar marcado na páginas da história das reivindicações operárias, pela coesão e pelo grande espírito de sacrifício demonstrado por milhares de criaturas que se lançaram em greve.

Quando os corticeiros vieram para a greve foi porque os industriais lhes ofereciam 10 % sobre os salários e queriam que os operários trabalhassem mais horas, o que representava, até certo ponto o desejo de terminar com o horário de trabalho que foi conquistado à custa de muitos sacrifícios.

Revolveram os industriais, em face da aitude energica dos operários corticeiros que vieram na proposta a vantagem de lhes cercearam uma das suas maiores regalias, pôr de parte as horas de trabalho ficando o horário nas condições anteriores à eclosão do movimento. E assim viram os operários corticeiros corados de exílio os seus esforços.

No entanto a luta teve de prosseguir em virtude de os industriais continuarem oferecendo os 10 %. A solidariedade dos corticeiros durante estes longos 37 dias de greve tem sido bem manifesta, a pesar de lutarem com grandes necessidades. Outras classes que tem os seus interesses ligados à indústria corticeira, também veem sofrendo muitos sacrifícios porque tem dispensado sua solidariedade aos operários em luta.

Os industriais reuniram novamente na quarta feira e deliberaram oferecer 20 % sobre os salários, e a Federação Corticeira, como se vê do extracto que abaixo publicamos, resolveu dar por terminado o conflito, aceitando aquela oferta.

Foi uma luta verdadeiramente heroica que porá a prova mais uma vez o espírito revolucionário dum classe que tem sabido sempre impôr a sua razão de existência e manter acima de tudo o nome do seu interesse, do interesse do resante proletariado e em benefício da revolução proletária para onde devem caminhar com segurança.

Silva CAMPOS.

## A apreensão de 'A Batalha'

O senador Procópio de Freitas interpelou o ministro do Interior sobre esta arbitrariedade

Ontem, no Senado, o sr. Procópio de Freitas, interrogou, antes de encerrar a sessão, o ministro do Interior sobre a já escandalosa apreensão de *A Batalha*.

Aquele senador afirmou não ter visto *A Batalha* matéria que merecesse reparo.

O ministro do Interior, desculpou-se que não era ele quem lia o jornal, mas sim uma pessoa nomeada para esse fim.

Também o sr. Procópio de Freitas insinuou contra a censura de que *A Batalha* foi vítima. O sr. Sá Cardoso teve o descaramento de afirmar que não se exercera censura. Também afirmou o referido ministro que *A Batalha* era apreendido por conter linguagem despejada.

O sr. Sá Cardoso poderia dizer o que quisesse, mentir como entende-se a verdade, porém, é que *A Batalha* foi censurada, e tem sido sistemática e acintosamente apreendida.

Convém registrar aqui a consideração que aos senadores merece a imprensa honesta. Abandonaram todos a sala, excepto os drs. Joaquim Crisóstomo e Ribeiro de Melo.

Se se tratasse de imprensa moageira, não faltariam defesas exaltadas da liberdade de imprensa.

Em esta pequena referência vem agudamente de que retomem imediatamente o trabalho.

Sirvam-se pois dizerem-nos o que reivindicaram para nosso governo, e sem outro assunto, desejamo-lhes Saúde e Fraternidade.

Pelo presidente da secção de corticeiros — Xavier Lopes, secretário.

Todos os delegados se manifestaram sobre a resposta dos industriais sendo devidamente ponderadas todas as circunstâncias.

Especialmente foi acentuado o facto de várias classes estarem a ser prejudicadas com o movimento e reconhecer-se que a oferta de 20 %, apesar de pouco representar na época actual, já é uma vitória para a classe que nesta luta havia também conquistado a garantia do horário do trabalho nas condições anteriores ao início da greve e que os industriais pretendiam alterar.

Depois de larga discussão, foi votada por unanimidade a seguinte moção:

«Considerando que o nosso movimento, que já dura há 37 dias, moralmente foi ganho na sua totalidade;

Considerando que a oferta de 20 % não satisfaz materialmente a classe por quanto é insuficiente para se poder enfrentar o agravamento da vida;

Considerando que se os industriais mantiveram a resistência que se verificou coulo por capricho e não porque não pudessem satisfazer as nossas reivindicações;

Considerando que o nosso movimento está causando grandes sacrifícios para todos que têm os seus interesses morais e materiais ligados à indústria corticeira;

O conselho federal resolve:

1.º Registar com júbilo a coesão da classe e a solidariedade que nos foi dispensada por todas as formas e por várias classes, especialmente as marítimas e a sua Federação;

2.º Aceitar o aumento oferecido pelos industriais, ficando a Federação Corticeira incumbida de, junto dos mesmos, conseguir a completa satisfação das reclamações, por quanto a vida embaraça duma forma apavorante e aquela oferta não corresponde às necessidades de momento;

3.º Retomar o trabalho imediatamente, esperando que não sejam exercidas repressões sobre os operários;

4.º Que ao tomar estas deliberações o conselho federal quer demonstrar assim uma vez o seu espírito de conciliação e transigência, espírito este porque sempre se norteou;

5.º Que de futuro nem um só corticeiro deixará de ser sindicado para que a organização tenha uma mais perfeita vitalidade;

6.º Salutar *A Batalha* pelos relatos circunstâncias que fez do movimento, aproveitando a ocasião para protestar energicamente contra as perseguições e apreensões de que é vítima por parte dos governantes pelo facto de pôr a mão nos tremendos escândalos que são a causa da terrível situação económica em que se encontra o país.

Beleza

Reúm-se ontem os operários corticeiros desta área na sua totalidade para

## As prisões cheias

Exige-se a libertação dos operários presos!

O ministro do interior afirmou que não pensava em deportações

Nenhuma lei mantém no presídio das Tropas ou operários que foram brutalmente arrancados à liberdade—à liberdade que para elas sintetizava as suas ocupações, o seu convívio com suas famílias e os seus deveres e recreações privadas.

Nenhum protesto pode ser invocado para manter a sua prisão.

Neste momento não existem greves, de algum modo está perturbado a ordem pública, os seus perturbadores não são operários. Só correm boatos que anunciam para breve uma alteração de ordem pública, não são operários os seus propagadores, nem os seus conspiradores.

Pelo contrário. A classe operária tem mantido diante das violências e crimes e provocações que a têm atingido com uma enorme serenidade.

Não uma serenidade feita de submissão, mas sim de altivés, da consciência da sua própria força e da autoridade de força moral por parte de quem a ataca.

O governo tem deixado impunes os maiores crimes. E crimes que atingem todo o país; tem deixado em claro os maiores escândalos, tem feito o silêncio em torno de muitas falcatrulas. E só mostra energia para perseguir operários, para perseguir inocentes, para perseguir vítimas. Os que governam, negam os quais como o sr. Alvaro de Castro.

Uma tranquilizadora responsável do ministro do Interior

Uma comissão da U. S. O. de Lisboa e do Secretariado de Assistência Jurídica da C. G. T. procurou ontem no Senado o sr. ministro do Interior para ouvir o que havia de positivo sobre os boatos de deportação dos operários presos por questões sociais.

O sr. Sá Cardoso, depois de aconselhar-lhe fazer sentir a tremenda inquietação que a tal medida representaria e a tranquilidade das famílias dos presos da organização sindical, que se encontravam justificadamente excitada, respondeu que não intencionava fazer deportar os operários presos.

E lá se encontra no governo civil João da Silva, contra quem a polícia não pode, sem praticar a mais vil das imposturas, formular a menor acusação.

Esta prisão — por equivoco ou por maldade — serviu, no entanto, para em quase que quaisquer emergências voltarem a prender contra quem, amanhã, as gazetas que, em nome de... ordem, defendem o socorro dos quadrilheiros da Moagem, da Finança, da Lavoura, do Comércio, etc., pediram as maiores e mais excepcionais medidas repressivas!

Sob o desumano regime da incomunicabilidade!</

# O conflito da Aviação Militar vai solutionar-se com a queda do governo

## O que se passou ontem no Campo da Amadora

O conflito dos aviadores militares com o ministro da guerra, vai acabar porque o sr. ministro da guerra passa simplesmente a ser o sr. Américo Olavo oficial do exército, deputado e gerente da fábrica Vulcano. E acaba numa altura em que ele ia começar, não por culpa dos aviadores, mas pelas fases do conflito o tornarem ridículo.

E, compreende-se por onde o ridículo ia começar a deitar as māosinhos de fôra... Dium lado duas dezenas de homens mardos no campo da Amadora, entrincheirados, tendo declarado pertinaciam que resistiriam a uma tentativa de prisão, que preferiam morrer a se entregarem. Do outro 2000 sargentos um punhado reduzidos de oficiais aviadores, mas não os atacando, nem os defendendo. 2000 homens contra os aviadores, mas 2000 homens imobilizados, sem uma atitude decisiva, dormindo ao relento, quando vento, alimentando-se mal. Uma batalha... sem combate.

Esta situação se era desagradável para os que sitiavam colocava os sitiados numa imobilidade para causar apreensão a quem diante do ridículo recuse. Pode mesmo dizer-se em exagero que o cérco começava a deixar de ser cérco e os aviadores tinham infelizmente de quebrar a sua linha de energia irredutibilidade.

Quanto ao major Américo Olavo melhor teria sido compreender a tempestade que como ministro da guerra havia naufragado — um naufrágio cômico com música de opereta e um centro cômico a扇hoscar gracinhos. Mchôr para ele evidentemente.

Assim cai, estatelâ-se num mar de riso — dum riso que começa a desportar em todos os lâblos. A disciplina, vista das alturas do ministério da guerra fez um «raido desastre», «aterror» mal — entrou-se tristemente.

Do que passou ontem na Amadora é melhor resumir, pois que a fogueira pode considerar-se extinta.

No campo da aviação apareceram as praças que tinham ido sob prisão para o forte de Caxias por uma estupidez decidido do major Olavo. Iam mu-

apreciarem a resposta dos industriais e as resoluções do Conselho Federal da F. C. N. Falaram vários camaradas que duma maneira altiva escalpelaram as fases porque o movimento passou e ao mesmo tempo enaltecedo a linha de conduta que os operários corticenses, com raras exceções, souberam manter neste tão grandioso movimento.

Por último, foi presente uma moção referente às resoluções da F. C. N. que os operários corticenses desta área aprovaram com entusiasmados aplausos.

Foi verberado acrème o procedimento de três operários que, sendo grevistas desta área, abandonaram os seus camaradas de sacrifício, indo assim alimentar a irredutibilidade dos industriais.

Foram levantados veementes protestos contra a forma brutal como a guarda republicana espalhou os camaradas corticenses da Silves pelo seu gesto de rebeldia. Foi também aprovada por unanimidade a moção da U. S. O. de Lisboa em que protesta contra o bárbaro fuzilamento dos Olivais e contra as perseguições aos militantes operários e à apreensão de *A Batalha*.

Foi encerrada a sessão com entusiasmados vivas às Federações Corticenses Marítima e a tóda a organização operária.

## Federação Marítima NOTA OFICIAL

Previnem-se todos os sindicatos marítimos, que podem carregar ou descarregar cortiças em virtude de ter terminado a greve corticeira — A Comissão Administrativa.

## NOTA DA COMISSÃO DE «DEMARCHES»

Camaradas: Foi finalmente solucionado o nosso conflito com a vitória moral completa. Na parte material não fomos tam bem sucedidos, pois os sr. industriais cicerem 20 %.

Mas, camaradas, atendendo que a classe teve no movimento um sacrifício digno de nota, que se estava a tornar numa situação verdadeiramente difícil, foi esse o motivo que levou esta comissão a depôr o seu mandato no Conselho reunido ontem. E elle, apreciando-o, resolviu ponderadamente o acima exposto.

Camaradas: A Comissão de *demarches* regista por este meio, que nos 37 dias de greve recebeu da classe as mais inequivocas provas de confiança e solidariedade.

Esta comissão satisfeita com tais provas, e incita a classe a manter-se unida e firme para que de futuro se verifique a coesão demonstrada neste movimento.

Viva a vitória da classe! Viva a Federação Marítima! Viva a *A Batalha*! Viva a Solidariedade Operária! — A Comissão de *demarches*.

## NOTA DO COMITÉ

Camaradas: Reuniu este comitê para apreciar a resolução tomada pelo Conselho Federal da F. C. N. sobre o nosso movimento.

Pela moção aprovada na referida reunião, terão todos os corticenses conhecimentos de que foi aceite a última oferenda dos industriais, a qual consiste num aumento de 20 % sobre todos os salários.

Este comitê, ao ter conhecimento dos motivos que levaram o Conselho Federal a aceitar a proposta dos industriais, os quais se consubstanciam em razões de ordem geral, resolveu aceitar como boa a resolução do conselho por ser a que melhor se harmoniza com os interesses morais e materiais da classe corticeira em geral.

Portanto, este comitê, ao indicar a classe a retomada do trabalho, saúda como desvanecimento pela prova de solidariedade que tão nobremente subiu manter através de tantos sacrifícios. Assim, este comitê, ao desobrigar-se do seu mandado, saúda igualmente todas as classes e organismos que nos prestaram a sua solidariedade, especializando

# A BATALHA

## São Carlos

— Telefone C. 3063 —  
HOJE, às 9/12 (21,30) da noite  
GRANDIOSO SUCESO — Espectáculo  
verdadeiro de artista  
A peça em 5 actos de BERNSTEIN  
Hora e Costa e Mouton Osório

## DEPOIS DE MIM... (APRÉS MOI...)

Admirável trabalho de Luísa Simões  
com Eric Braga

Brilhante encenação de António Pimenta  
nas magníficas toletas de Luísa Simões, com o deslumbrante desempenho  
de madame Demetria de Castro Pereira. Excelentes cenários de Lino  
& Almeida e Campos & Oliveira. Nos  
intervalos sexteto sob a direcção de  
Rene Bohet.

Não há 1. ciação — Frizas e camarotes,  
4.000, 5.000, 20.000 e 25.000. Futeus  
3.000 e Varandas, 2.500.

## Teatro APOLÔ

— HOJE —  
às 9,30 da noite  
A hilariante comédia

## Comissário de Polícia

— ADMIRAVEL —  
INTERPRETAÇÃO

## A banda da Armada

Foi mandado arquivar o processo instaurado ao respectivo chefe

Pedem-nos a publicação da seguinte carta:

Camarada redactor. — Mais uma vez peguei um pouco de espaço do vosso jornal para me ocupar, em nome da Verdade e da Justiça, da criatura que tem organizado um dos mais apreciados núcleos de artistas.

O chefe da banda da Armada, merece dum escandalosa proteção, que nada justifica, de novo foi ilibado das graves acusações contra si formuladas no inquérito realizado pelo capitão de fragata sr. João Manuel de Carvalho.

Por despacho do sr. major-general da Armada o processo acaba de ser arquivado.

Dois caminhos têm, pois, as autoridades superiores de marinha a seguir:

Ou castigam o chefe da banda por serem verdadeiras as acusações formuladas pelos respectivos músicos ou castigam estes por haverem dilapidado um seu superior.

Segundo me consta, o caso vai ser tratado por autoridades no meio jurídico, as quais serão entregues os necessários elementos para apurarem o que há de verdade sobre as irregularidades apontadas ao sr. Artur Fão, especialmente as que se referem à viagem presidencial ao Brasil.

Convencido estou de que a proteção de que goza aquele senhor não conseguiu impedir que justiça seja feita, castigando-se quem prevaricou e dando-se a merecida satisfação a quem tem sido vítima de arbitrariedades. — Manuel Raimos.

## LISBOA-MACAU

Os aviadores portugueses preju-dicados pelo nevoeiro

RANGOON, 6. — No campo de corridas de cavalos, desta cidade, juntou-se uma grande multidão esperando a chegada dos aviadores portugueses Brito Pais e Sarmento de Beires, mas os últimos telegramas recebidos anunciam que, em virtude do nevoeiro acumulado sobre a cordilheira de Arakan, os aviadores foram forçados a regressar a Akyab.

Uma recusa digna

O pai do aviador sr. Brito Pais, manifestou ontem a opinião de que se não deve aceitar o auxílio que o governo lhe dardamente ofereceu para a realização do «raido». E reforçou a sua opinião, alegando, e com razão, que o governo, só agora que o «raido» estava na sua ante-penúltima etapa, que se lembrou de o auxiliar, tendo-o até à data do seu tardio oferecimento, mantido por ele idêntica e uma mal disfarçada hostilidade.

A recusa merece a nossa simpatia, pois o «raido» que até agora tem sido auxiliado pela iniciativa particular, não pode nem deve servir para a atitude hipócrita, ultiamente tomada pelo governo, no intuito egoísta e político de se congratular com a opinião pública.

Da mesma opinião compartilham os aviadores.

Vem a pôlo dizer-se que, as despesas do «raido», não estão todas pagas, pois

ainda, em débito, no Banco Espírito Santo, a quantia de 1.200 libras.

## Recita de homenagem

Hoje, às 21 horas, no Centro Escolar Manhã e Correio da Noite foram também ministrados pela apreensão policial. Em nome dos principios de liberdade que nos nortearam e não por simpatia por esses jornais, protestamos contra a arbitrariedade.

Aproveitamos a ocasião para fazer sentir áqueles jornais que o seu ódio aos prêses que estão na Trafaria teria melhor aplicação dirigido contra a Moagem e contra a Finança que têm levado o país à ruína.

As classes marítimas cujo espírito de sacrifício foi o ponto de se prejudicaram materialmente por virtude da falta de transportes resultantes da paralisação da indústria corticeira.

Igualmente, este comitê, ao redigir a sua última nota, registou o seu reconhecimento à *Batalha* pela reportagem que fez do nosso movimento, protestando simultaneamente contra a vilissima perseguição de que está sendo vítima por parte dos poderes constituidos, por ter o desassombro de vergastar energicamente as traficâncias da moagem e a cumplicidade dos governos.

Corticeiros: Avante pela nossa organização! Viva as 8 horas de trabalho! Viva a *Batalha*! Viva a Federação Marítima! Viva a C. G. T.! Viva a Liberdade! —

## DESPORTOS

No Liceu de Pedro Nunes

Realiza hoje (sábado), às 13 horas na sala do Gimnásio deste Liceu, uma conferência o professor de educação física João de Lendolho Bravo, sobre «Educação Física, seus fins e atributos».

A's 14/12 horas, no Parque de jogos efectua-se um desafio do jogo de barra entre alunas do Liceu e alunas do Liceu de Garrett e exercícios de conjunto para os alunos que hão de tomar parte na Parada do Gimnásio.

Por motivos de força maior fica adiado o desafio que amanhã se devia realizar entre as 1.ª categorias do Sa-  
padores Atlético Clube e o Gracis Foot-  
ball Club.

As classes marítimas cujo espírito de sacrifício foi o ponto de se prejudicaram materialmente por virtude da falta de

transportes resultantes da paralisação da indústria corticeira.

Portanto, este comitê, ao indicar a classe a retomada do trabalho, saúda como desvanecimento pela prova de solidariedade que tão nobremente subiu manter através de tantos sacrifícios. Assim, este comitê, ao desobrigar-se do seu mandado, saúda igualmente todas as classes e organismos que nos prestaram a sua solidariedade, especializando

## Teatro Nacional

Brevemente

inauguração da

Epoca

de verão

com uma peça de

EXTRAORDINARIO

EXITO

## Coliseu dos Recreios

HOJE — A's 21,15 (9,14) — HOJE

O MAIOR SUCESSO  
DA ACTUALIDADE

## A BAILADEIRA

Opereta de grande espectáculo do

maestro KALMAN.

## EXITO INCOMPARAVEL

Bonito scénario

Deslumbrante guarda-roupa

A mais linda opereta

de todos os tempos

## ULTIMOS espetáculos ULTIMOS

## A FESTA DA "RAÇA"

Dá hoje sessões solenes e

bailes camoneanos

A festa da «raça» dá a sua palavra de honra em como se efectua hoje:

A's 14 horas um romage académico

no monumento de Camões e meia

hora depois na Biblioteca Nacional

inauguração da exposição camoneana,

fazendo uma conferência o dr. sr. António Sérgio.

A's 16 horas a Faculdade de Letras

de Camões uma sessão solene,

Como os não bastassem estes números

há mais duas ameaças perfeitamente

desenhadas de sessão solene. Uma

às 17,30 pela Arcadia Nova (2), na Facul-

dade de Ciências e a outra às 22 horas

no Instituto Superior de Comércio se-

guida de baile «camoneano» e «rático».

Viva a folia! Reinar! Reinar! Hoje

há pândego camoneano, pelas 21 horas

na praça da Figueira. Toca a Banda

de Cabarão, 1225; Nominel, R. Cabarão,

1225; Carlos César Silva, 5500; José

de Oliveira, 2850; Joaquim Marques, 5500;

</div

Por esse mundo

## OPERARIADO ARGENTINO

LUTA COM ARDOR CONTRA UMA LEI DE SUPPOSTA PROTECÇÃO

QUENOS AIRES, 5 de Maio. — Os portugueses devem estar inquietos porque o governo argentino adop-  
ta no princípio do ano corrente, lei pelo qual todo o proletariado do país, pode beneficiar da reforma de ter trabalhado durante 30 anos seguidos. Essa lei foi repelida, ao ser posta em vigor, há dias, vendo-se o governo obrigado a recuar, prazo da sua aplicação por 60 dias, sob o pretexto, segundo disse, de introduzir algumas mudanças nos seus artigos.

Na realidade, o governo foi derrotado nessa ocasião pela resistência con-

te do proletariado de Buenos Aires.

O princípio.

E não foi repelida essa lei porque os operários achavam deficiente e pouco.

Mas por ser uma suposta lei operária, a pretexto de beneficiá-los,

que se fosse aplicada amarraria os tra-

badores à exploração capitalista,

opõe-se a que o diploma legislativo

entre em vigor. Ao segundo dia di-

esta dirigida pelos eternos traidores do movimento operário deste país. Ao terceiro dia de luta, essa tragédia confirmou-se mais uma vez.

A greve estende-se a todo o país, adquirindo um caráter violento, pelo brusquidão da polícia, que provoca desacordadamente os operários, encon-

trando-se presos mais de cinqüenta

anarquistas.

sector MAXIMO

A greve, o comércio e a indústria nos principais centros industriais do país, fecharam as suas portas e realizaram fechadas assembléas.

A greve estende-se a todo o país, adquirindo um caráter violento, pelo brusquidão da polícia, que provoca desacordadamente os operários, encon-

trando-se presos mais de cinqüenta

anarquistas.

ao ser posta em vigor, há

dias, vendo-se o governo obrigado a recuar,

prazo da sua aplicação por

60 dias, sob o pretexto, segundo

disse, de introduzir algumas

mudanças nos seus artigos.

Cairá o governo alemão?

O governo argentino dispara basta-

sobre o trabalho com os bens

duma sanção legal para o opera-

rio. E, francamente, os pseudobene-

mados não acreditam em tanto amor

patriotismo por parte do governo. E' de-

finitivamente conhecida a ação do governo

com os filhos do trabalho, para

possa haver lugar para equivocos.

E esta lei-rapina, como a classifica-

os operários da F. O. R. A., dissim-

ula muito mal as intenções do gove-

rnamento. Em primeiro lugar, os

operários têm em conta que o Estado

é o patrão mais intrôujo de quan-

tidade exploram o braco produtor; os tra-

badores empregados nas várias de-

munições oficiais não cobram desde

muito os seus minguados salários e

que algo lhes paguem, em algumas

ocasiões, tiveram os operários de

sangrentas greves. Como se

não fosse acreditado que um governo

que abriga sentimentos de paternali-

smo para com os trabalhadores?

Sobre este ponto não há, por parte

do proletariado argentino, a menor he-

dúbil. As provas estão à vista. De re-

matar a maioria dos legisladores que san-

aram esta lei, já fazem parte do par-

tamento, quando o anterior governo

tirou e levou a cabo os massacres

operários de Santa Cruz, bem conheci-

dos trabalhadores de todo o mundo.

Também não constitui mistério para

ninguém no Rio da Prata que, com este

aposto sobre o trabalho, irá o gove-

rnamento nacional de cobrir o fabuloso

aprestímo de armamento contruído

recentemente. E' de todo sôlo alvo

uma grande propaganda anti-militar-

ista. Mais um motivo, portanto, para

apelar o assalto que o governo quiz

lanhar às aldeias.

\* \* \*

O governo argentino firmou no seu

mento de aplicar uma nova sangria aos

produtores da riqueza social, terminado

prazo dos sessenta dias a que teve de

submeter-se, voltou à carga. Não quiz

ender as manifestações de repulsa que

fizeram em todos os locais popula-

res contra a sua reforma. Tampouco

escutou os capitalistas, que lhe so-

ciavam emendas à referida lei. O pre-

sidente Alvear, eleito à suprema ma-

natura da nação pelos elementos s-

políticos menos colados, obra neste

caso de acordo com a baixa craveira

do seu povo: não ouve senão a

do seu capricho de aristocrata fa-

tido elevaro pelo crápula ao pedestal

do despotismo. E' um jumento espe-

no no meio dum lamaçal férrea ofer-

endo o flanco ao avanço da locomo-

tiva.

O proletariado argentino voltou a

unir-se unânime, para impedir a

aplicação desta lei-rapina. E assim, se

encontrou neste momento em luta não

os operários revolucionários da F.

O. R. A., como também os reformistas

Uaião Sindical Argentina — entidade

Por esse mundo

## OPERARIADO ARGENTINO

LUTA COM ARDOR CONTRA UMA LEI DE SUPPOSTA PROTECÇÃO

QUENOS AIRES, 5 de Maio. — Os portugueses devem estar inquietos porque o governo argentino adop-  
ta no princípio do ano corrente, lei pelo qual todo o proletariado do país, pode beneficiar da reforma de ter trabalhado durante 30 anos seguidos. Essa lei foi repelida, ao ser posta em vigor, há dias, vendo-se o governo obrigado a recuar,

prazo da sua aplicação por 60 dias, sob o pretexto, segundo disse, de introduzir algumas mudanças nos seus artigos.

Cairá o governo alemão?

O governo argentino dispara basta-

sobre o trabalho com os bens

duma sanção legal para o opera-

rio. E, francamente, os pseudobene-

mados não acreditam em tanto amor

patriotismo por parte do governo. E' de-

finitivamente conhecida a ação do governo

com os filhos do trabalho, para

possa haver lugar para equivocos.

E esta lei-rapina, como a classifica-

os operários da F. O. R. A., dissim-

ula muito mal as intenções do gove-

rnamento. Em primeiro lugar, os

operários têm em conta que o Estado

é o patrão mais intrôujo de quan-

tidade exploram o braco produtor; os tra-

badores empregados nas várias de-

munições oficiais não cobram desde

muito os seus minguados salários e

que algo lhes paguem, em algumas

ocasiões, tiveram os operários de

sangrentas greves. Como se

não fosse acreditado que um governo

que abriga sentimentos de paternali-

smo para com os trabalhadores?

Sobre este ponto não há, por parte

do proletariado argentino, a menor he-

dúbil. As provas estão à vista. De re-

matar a maioria dos legisladores que san-

aram esta lei, já fazem parte do par-

tamento, quando o anterior governo

tirou e levou a cabo os massacres

operários de Santa Cruz, bem conheci-

dos trabalhadores de todo o mundo.

Também não constitui mistério para

ninguém no Rio da Prata que, com este

aposto sobre o trabalho, irá o gove-

rnamento nacional de cobrir o fabuloso

aprestímo de armamento contruído

recentemente. E' de todo sôlo alvo

uma grande propaganda anti-militar-

ista. Mais um motivo, portanto, para

apelar o assalto que o governo quiz

lanhar às aldeias.

\* \* \*

O governo argentino firmou no seu

mento de aplicar uma nova sangria aos

produtores da riqueza social, terminado

prazo dos sessenta dias a que teve de

submeter-se, voltou à carga. Não quiz

ender as manifestações de repulsa que

fizeram em todos os locais popula-

res contra a sua reforma. Tampouco

escutou os capitalistas, que lhe so-

ciavam emendas à referida lei. O pre-

sidente Alvear, eleito à suprema ma-

natura da nação pelos elementos s-

políticos menos colados, obra neste

caso de acordo com a baixa craveira

do seu povo: não ouve senão a

do seu capricho de aristocrata fa-

tido elevaro pelo crápula ao pedestal

do despotismo. E' um jumento espe-

no no meio dum lamaçal férrea ofer-

endo o flanco ao avanço da locomo-

tiva.

A mais das acções, a GRANDE VITORIA,

tinha deixado de existir...

Eu, enquanto ela falava, fizera esforços sobre-

naus para conter o meu desespero! mas quando a vi

expirar, a vertigem se apoderou de mim, os meus joelhos

enfranqueceram, as minhas forças e a minha idea-

me abandonaram, e perdi todo o sentimento na oca-

são em que ouvi um grande tumulto no quarto pró-

